



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Gustavo Glasser

Eu sou Gustavo Glasser, fundador da Carambola, que é uma empresa de educação focada em formar pessoas para o mercado de tecnologia.

A Carambola é uma empresa que tem idealizado mudar alguns paradigmas do mercado. A gente tem uma grande quantidade de vagas em aberto e pouquíssimas pessoas preparadas para acessar esse mercado, então a carambola criou uma metodologia, um modelo de educação que busca da qualificação para essas pessoas conseguirem se qualificar para preencher essas vagas, e ao mesmo tempo, ensinar as empresas que têm essas vagas em aberto, como trabalhar com essas pessoas que estão sendo qualificadas por esse programa, porque existem vários aspectos no objetivo da inclusão, que é o que a Carambola busca, que dificultam essa inserção dessas pessoas, né, então a carambola é uma empresa que vem para ficar no intermédio desse paradigma... assim, como que a gente vai preencher as vagas, como que a gente vai trazer mais diversidade, como que a gente vai preparar as pessoas para o mercado do futuro, né, o mercado que a gente vai criar.

A carambola é uma empresa que tem o foco... tem vários agentes, né, dentro desse mercado; têm as pessoas que querem participar do programa, qualquer pessoa que queira entrar no mercado de tecnologia pode participar do programa... Ela [a pessoa] tem um processo de entrada, tem uma seleção em que ela tem que ter um nível mínimo para conseguir participar do processo, mas a gente tem um foco em geração de renda na base da pirâmide, então a gente busca dentro dos nossos critérios, trazer pessoas e inspirar pessoas que estejam na base da pirâmide para trazer um processo de geração de renda pra essas pessoas, para que elas consigam transformar os futuros e os destinos dela com com renda, por quê a gente vive em uma sociedade capitalista, então eu preciso ganhar dinheiro para poder me sustentar ou para poder mudar a sociedade que eu vivo.

Eu acho que a gente aproveitar esse contexto de novos mercados nova tecnologia eu acho que a gente tem que pensar que tem um mundo pela frente, que é como se tivesse... a gente viveu mundo para trás, que é muito diferente do que a gente vai viver para frente... eu sempre penso que isso é uma oportunidade, como se fosse uma folha de papel em branco, para a gente olhar para frente e falar: que que é o número que a gente quer criar? Será que são os mesmos valores que a gente colocou nas outras gerações, que gerou todo esse processo que a gente vive de problemas com o meio ambiente, de programa com as pessoas, de racismo, de homofobia? Que a gente quer pra frente? Acho que a tecnologia tá

criando, tá abrindo um horizonte de um monte de profissão nova que não existia, um monte de coisa nova, um monte de coisa que vai deixar de existir por conta de tecnologia, mas que também ao mesmo tempo vai abrir um monte de outras coisas... então, já que a gente vai ter que aprender como lidar com esse mercado novo, porque que a gente não pode aprender a lidar melhor com as pessoas? Acho que esse é o principal questionamento que a gente tem, tecnologia é só ferramenta? Então como que a gente usa isso para extrair e usar essa ferramenta para criar o mundo que a gente quer viver.

Eu acho que não existe inovação sem diversidade, porque é mais do mesmo, são as mesmas cabeças pensando do mesmo jeito. Não tem como eu falar como se tivesse várias faces de um problema, e a gente tá olhando sempre para uma mesma face, a gente nunca tá olhando o lado de trás da geladeira, e a gente pode entender que pelo outro lado tem outros aspectos, você está enxergando uma coisa e eu tô chegando outra. Eu acho que a inovação precisa da diversidade, porque senão a gente vai ficar falando como... o que a gente tem feito é assim “vamos criar um negócio que é tipo Uber só que do cachorro quente”. Não é mais tipo Uber, isso não é inovação. Se é tipo um Uber de qualquer coisa, não é inovação, porque a inovação é uma coisa que a gente nunca imaginou, que não é tipo qualquer coisa, é uma coisa totalmente nova. Então eu acho que a gente tem que pensar esses modelos e aí trazer pessoas que tenham origens diversas.

A diversidade não tá no gênero, na raça, tá na origem. O que que é ser um homem trans, ou ser uma mulher negra ou ser um homem negro... Quais são as histórias que tem por trás disso? Eu costumo dizer que um negócio que às vezes as pessoas falam para mim assim “se eu fosse você eu faria isso”. Não, se você fosse eu, você faria exatamente a mesma coisa que eu, porque você teria exatamente a mesma quantidade de informação que eu tenho para lidar com esse problema, não tem como você ser eu e lidar com uma maneira diferente o problema. Então eu acho que esse é o aspecto da diversidade que a gente tem que olhar, é aproveitar isso para “vamos fazer inovação de verdade, vamos trazer essa visão indiferente para criar novos negócios, as dificuldades que o empreendedor encontra para passar por esse mercado e para conseguir executar um projeto, eu acho que não é diferente de um empreendedor trans ou não trans. Eu acho que a gente tem que separar que as dificuldades do empreendedor acho que são iguais a todos. É se reinventar todo dia, descobrir como que eu coloco um produto no mercado, como que eu motivo o meu time é trabalhar, como que eu arrumo a minha empresa, como que eu vendo mais... problema de qualquer empresa. E também a vivência de ser uma pessoa trans não é diferente de uma pessoa trans em outros aspectos, então a gente tem uma dificuldade social que é: além de fazer tudo aquilo como empresa, eu preciso explicar a história de onde eu venho, quem que eu sou, o que que eu faço, porque que eu faço.

Tenho que desafiar algumas alguns vieses inconscientes que todo mundo tem e às vezes vieses até conscientes porque às vezes a gente vive processos que as pessoas passam por situações de preconceito “ah, não vou fechar o contrato porque aquele cara é diferente ou não é”. Então acho que tem uma como se fosse camadas, e eu ainda sou privilegiado porque eu sou um homem branco, imagino que por exemplo se eu fosse um homem trans negro eu teria outra dificuldade que teria uma mulher negra. Então eu acho que a gente vai colocando as camadas da complexidade de uma sociedade que a gente vive, que na sua raiz ainda tá muito doente, né... a gente precisa trabalhar para curar nossa sociedade, então trabalhar para tirar cada vez mais tirar esses aspectos que causam só... só machucam as pessoas, né. Ninguém tira benefício de racismo, de homofobia, não tem coisa boa nesse aspecto, né. Então são as dificuldades de um negócio comum, como qualquer negócio de um cara trans como qualquer outro. A dica para qualquer empreendedor é: tem que fazer, não adianta ficar só pensando, não adianta ficar idealizando. Não adianta falar “eu tenho uma ideia, eu tenho uma ideia, eu tenho ideia...”. Eu acho que dos negócios que tem hoje acho que eu tive ideia de todos, tive ideia do Waze, tive ideia do Uber, tive ideia do Airbnb... eu tinha ideia de todas as coisas, alguém foi lá e fez... eu acho que o processo de execução

é muito mais difícil que a ideia. As pessoas estão vivendo um momento que elas acham que a ideia é a coisa mais preciosa do negócio. A execução é a coisa mais preciosa do negócio, e a execução tem que sair na rua e colocar, e levantar e falar: eu vou fazer. Eu acho que esse medo... não dá para ter medo porque você precisa levantar e fazer, e aí precisa todo dia você vai encontrar um problema diferente, todo dia você vai ter vontade de ir embora e desistir, mas aí você tem que falar "tá bom, mas hoje eu dei um passo e hoje eu tô diferente de ontem". Eu costumo dizer lá na Carambola que a gente tem que errar, errar sempre e errar diferente, mas tem que errar. Só dá para errar fazendo, não dá para errar imaginando, então eu tenho que fazer.